

08/10/2015 - 05:00

Empresa recompra bônus no exterior

Por **Chrystiane Silva**

Nos últimos dias, algumas empresas e bancos anunciaram a recompra de bônus corporativos emitidos no exterior, no valor total de quase US\$ 800 milhões. Com dinheiro em caixa, muitas dessas companhias preferem adquirir os papéis que estão com investidores do que rolar a dívida por meio da emissão de novos bônus, já que, no atual cenário, provavelmente pagariam juros altos na transação. Outras companhias, que tiveram piora no risco de crédito, são levadas a recomprar os títulos porque sabem que não vão encontrar compradores no mercado.

A situação mais crítica é a da Petrobras. A empresa possui US\$ 2,5 bilhões em bônus globais que vencem em janeiro de 2016 e pode encontrar dificuldades para rolar a dívida. O interesse do investidor pelos títulos da estatal minguou depois que a agência de classificação de risco Standard & Poor's rebaixou a nota de crédito da estatal para nível especulativo. Além disso, a empresa está envolvida em casos de corrupção investigados pela Operação Lava-Jato.

Sem pressão

Bônus globais acima de R\$ 100 milhões e vencimento até o final do ano

Empresa	Valor - R\$ milhões	Cupem - %*
Banco Votorantim	100	3,50
BTG Investments	170,5	7,50
Banco do Brasil	105	0,36
BIC Banco	400	5,25
Banco do Nordeste	300	3,62
Eletrobras	300	7,75
Santander	170	8,00
Santander	145,5	8,40
Ultrapar	146	7,25
Itaú	500	6,20
BTG Investments	180	1,25

A instabilidade econômica e política do país elevou os custos de captação no mercado internacional e reduziu o interesse dos investidores por papéis brasileiros. "Houve uma abertura [aumento] nos prêmios de risco e os estrangeiros estão mais cautelosos", diz Carlos Ratto, diretor-executivo da unidade de títulos e valores mobiliários da Cetip.

O Banco ABC Brasil anunciou que fará uma recompra parcial de notas subordinadas com vencimento em 2020. As notas foram

emitidas em 2010 e 2012, nos montantes de US\$ 300 milhões e US\$ 100 milhões, respectivamente. A recompra será até o limite de US\$ 100 milhões e pode ser aumentada em até US\$ 20 milhões.

O Banrisul informou que vai recomprar US\$ 199,168 milhões em notas subordinadas, de um total de US\$ 775 milhões com vencimento em 2022. O banco controlado pelo governo do Rio Grande do Sul recebeu propostas no valor de US\$ 248,9 milhões na oferta de recompra.

O aumento do custo das emissões internacionais também levou a Marfrig Global Foods a anunciar a recompra de US\$ 51 milhões em bônus com vencimento em 2021. A segunda maior exportadora de carne bovina do mundo também vai adquirir US\$ 500 milhões em bônus com vencimentos em 2018, 2019 e 2020. A oferta prevê um aumento no valor da recompra de até US\$ 150 milhões e será finalizada no dia 27.

"As captações externas eram eficientes para alongar a dívida, mas hoje o custo está muito alto", afirma Flávia Krauspenhar, sócia da Capitânia, empresa independente que administra mais de R\$ 2 bilhões.

O banco Fibra pretende adquirir até US\$ 150 milhões em bônus globais com vencimento em 2016. Mas, segundo fontes, a instituição financeira estaria com dificuldades para recomprar esses títulos, que pagam "yield" (retorno ao investidor) de 15,19% ao ano e estão nas mãos de investidores de longo prazo.

O Pine já recomprou 50% de uma dívida no mercado chileno, de Huaso Bonds, cujo valor total da emissão equivale a US\$ 71 milhões. Os papéis têm vencimento em 2022. O banco também adquiriu 75% de uma emissão em dólares, cujo valor total é de US\$ 125 milhões. O vencimento é em 2017.

A possibilidade de que outras empresas prefiram recomprar seus bônus no mercado internacional aumentou as operações de swap registradas na Cetip. No mês passado, o valor total de posições vendidas ou compradas de contratos de balcão de câmbio a termo para empresas não financeiras atingiu o recorde de US\$ 137 bilhões. "É um indicador de que as empresas podem estar prevendo dificuldades para rolar a dívida e estão aumentando o caixa para realizar a recompra dos papéis", diz Rony Gielman, gestor de câmbio do Banco Plural.

Mas, para a maior parte das grandes empresas cujos bônus vencem até dezembro, a situação é bastante confortável. Desde o ano passado, elas vinham aproveitando o excesso de liquidez no mercado internacional e as baixas taxas de juros para fazer operações de gestão de passivos. As companhias já realizaram novas emissões de bônus e recompraram papéis antigos para baratear e alongar o perfil de suas dívidas.

Até o fim do ano vencem cerca de US\$ 5,5 bilhões em bônus corporativos emitidos no exterior, segundo dados da XP Gestão de Recursos. A maior parte dessas emissões, com valores acima de US\$ 100 milhões, foram feitas por bancos como Votorantim, BTG Pactual, Banco do Brasil, Bicbanco (hoje sob controle do chinês CCB), Banco do Nordeste, Santander e Itaú. Há apenas duas empresas não financeiras na lista, a Eletrobras e a Ultrapar. "Os bancos não devem ter dificuldade para rolar a dívida com emissões locais ou mesmo no exterior. Já as empresas, provavelmente, devem pagar os bônus", disse Sandy Severino, diretor responsável pela área de captações externas do BTG Pactual.